

Verdade e sabedoria no “Contra os acadêmicos” e em “O livre-arbítrio”

Ferdinando de Paula Martins¹

¹Faculdade de Educação, Linguagens e Ciências Humanas/ FAELCH- Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Caixa Postal 3037 – 37200-000 – Lavras, MG – Brazil

ferdinando.martins1@estudante.ufla.br

Abstract. *This text analyzes the work of Augustine of Hippo, examining his arguments on truth and wisdom. The analysis was conducted through his works Against the Academics and Free Will, on which the elaboration of the problem and the review are based. The conclusion is that the Augustinian conception of wisdom is intertwined in both, insofar as the search for truth and wisdom occurs through the correct use of the human will.*

Keywords: *Wisdom, skepticism, truth, will, Augustine.*

Resumo. *Este texto analisa as obras de Agostinho de Hipona, examinando seus argumentos em torno da verdade e da sabedoria. A análise foi conduzida através de suas obras Contra os Acadêmicos e O livre-arbítrio, a partir das quais se constitui a elaboração do problema e revisão bibliográfica. Conclui-se que a concepção de sabedoria em Agostinho se interliga em ambas as obras, na medida em que a busca pela verdade e pela sabedoria ocorre por meio do uso correto da vontade humana.*

Palavras-chave: *Sabedoria, ceticismo, verdade, vontade, Agostinho.*

1. Introdução

Agostinho de Hipona (354 d.C- 430 d.C), foi um importante filósofo cristão e passou por grandes transformações filosóficas ao decorrer de sua vida. Suas influências se constituem a partir de tradições como o platonismo, neoplatonismo, maniqueísmo e o ceticismo acadêmico. O presente trabalho busca apresentar uma reflexão através de duas obras, a saber, *Contra os Acadêmicos* e *O livre-arbítrio*, problematizando questões que envolvem a sabedoria humana na medida em que o problema se interliga em ambas as obras, pois ambas exploram a busca pela verdade responsável por conduzir o humano racional à sabedoria

2. Considerações sobre a verdade e a sabedoria em “*Contra os Acadêmicos*”

Agostinho no livro V do seu texto *Confissões* reflete sobre o período em que esteve envolvido com outras doutrinas filosóficas, destacando o período em que foi adepto ao maniqueísmo e os motivos pelo qual o levaram a distanciar-se da doutrina. Em meio as suas incertezas, o Hiponense também menciona os filósofos acadêmicos, os quais defendiam o ceticismo que, Agostinho decidiu refutar posteriormente em sua obra *Contra os Acadêmicos*.

Segundo as palavras do próprio filósofo,

(...) Ainda não tinhas posto guarda diante da minha boca, nem porta de proteção ao redor de meus lábios, a fim de que meu coração não se inclinasse para as más palavras, nem buscasse desculpas para seus pecados, como os homens prevaricadores. Eis a razão pela qual eu ainda mantinha relações de amizade com os eleitos dos maniqueus. Mas, desesperado de poder progredir para a verdade dentro daquela falsa doutrina, contentava-me a segui-la até encontrar algo melhor, professando-a já com mais liberdade e frouxidão (...) Nesse tempo, veio-me à mente a ideia de que os filósofos chamados acadêmicos haviam sido mais prudentes que os outros, por sustentarem que se deve duvidar de tudo, e que nenhuma verdade pode ser compreendida pelo homem. Julguei então que era esse o seu pensamento, como geralmente se crê, não tendo ainda compreendido suas verdadeiras intenções. (*Confissões* V, 10; 2007, p. 44)

Devido a essa mudança¹, Agostinho escreveu obras que foram dedicadas a essas diferentes abordagens, *Contra os Acadêmicos* reflete um debate específico de grande

¹ (...) O itinerário intelectual de Agostinho é marcado por um constante e complexo “ato de conversão”, que se expressou ao longo de suas buscas pela verdade de sua existência. Sob qualquer forma que se apresente, tal “conversão” possibilita o acesso à liberdade interior, a uma nova percepção de Deus e do mundo, mas Agostinho percorreu muitas fases de “flutuação intelectual” até descortinar nos “livros platônicos” (...) (SANTOS, 2021, p. 13).

importância para a construção do pensamento agostiniano. Deste modo, para que seja possível a compreensão da crítica aos acadêmicos e da proposta filosófica do autor, torna-se essencial examinar a influência do ceticismo e como ela se relaciona com as suas obras.

Segundo Palácios (2006, p. 9), a obra *Contra os Acadêmicos* é a primeira obra de Agostinho onde o filósofo aborda uma revisão crítica de seus escritos anteriores. Entende-se que a obra foi iniciada em novembro de 386, ou pouco depois de seu batismo em Milão, em abril de 387, onde também escreveu outras quatro obras. Os escritos de Agostinho neste período se dão pelas circunstâncias em que o filósofo se encontrava. Deste modo, na obra em questão, compreende-se que o hiponense deixa de lado as questões que envolviam o maniqueísmo, a fim de subjugar as questões ameaçadoras do ceticismo presentes na Academia. Por isso, nesta obra, o filósofo explora questões fundamentais relacionadas à natureza da verdade e da sabedoria.

Um dos problemas centrais da filosofia, ao longo dos tempos, é o do assentimento à verdade. Aqueles que deram suas razões em prol da apreensão da verdade foram denominados de dogmáticos, contrariamente, aqueles que adotaram a conduta de continuar pesquisando antes de realizar qualquer inferência, coube-lhes a denominação de céticos. Santo Agostinho, por turno, apresentava-se como importante filósofo na defesa da doutrina da verdade, em oposição à tese cética acadêmica de que nada pode ser conhecido e que nada se deve dar assentimento (CARDOSO, 2019, p. 10).

Assim, *Contra os Acadêmicos*, é possível obter as refutações de Agostinho ao ceticismo, abordando temas como a *ataraxia* (tranquilidade), a busca da verdade, a *epoché* (suspensão), o verossímil e a apreensão do que de fato é a verdade. Deste modo, é importante ressaltar que as respostas de Agostinho consistem em uma desconstrução das doutrinas céticas presentes na nova academia platônica, situando esses problemas em torno da possibilidade do conhecimento. A refutação sobre a *ataraxia* não consiste apenas em uma crítica a princípio de não perturbação da alma; o que está sendo problematizado é o modelo de vida feliz estabelecido por Agostinho.

Segundo Almeida (1957,p.21-22), a questão principal presente na obra concentra-se em apresentar os motivos pelos quais é possível afirmar que a verdade de fato é atingível e esclarecer quais são as necessidades de procurá-la, visto que os acadêmicos apresentam argumentos contrários à tese de que a verdade é alcançável. No

entanto, mais tarde em suas obras, o filósofo afirma que os acadêmicos nunca teriam de fato negado o fato de que a verdade realmente existe e que é possível de ser atingida. No entanto, os acadêmicos, procuravam ocultar o seu exato pensamento, considerando como absurdo afirmar que algo existe verossimilmente, desconhecendo o que de fato é verdadeiro. Em outras palavras considerar que a verdade existe sem antes a mente dar seu assentimento².

Na obra em questão, é possível compreender que Agostinho possui como ideal filosófico o amor pela sabedoria, e esse amor é manifestado através de um modo indubitável de viver. Essa forma de viver está associada à busca pela verdade³, considerada pelo filósofo como o mais importante valor presente nos indivíduos.

3. A vontade em “*O livre-arbítrio*”

Para se chegar às questões que envolvem a sabedoria e a verdade, retomarei da obra *O livre arbítrio* alguns argumentos que dizem respeito à natureza da vontade. Compreende-se que Agostinho trata questões que envolvem a natureza da vontade humana e a sua relação com a libido, enfatizando como esse processo influencia na escolha entre o bem e o mal. No primeiro livro de sua obra, o hiponense afirma que Deus, como criador, criou o ser racional, mas foi através da sua própria vontade que o indivíduo optou por seguir rumo às coisas corruptíveis.

Na obra agostiniana, a vontade consiste em uma faculdade responsável por fazer os seres racionais a se inclinar em direção às coisas finitas, isto é, um movimento desordenado, pois a vontade foi criada para fazer com que os indivíduos seguissem por um caminho com retidão, mas por se tratar de uma faculdade influenciada pela libido, se volta contra o seu próprio fim em uma movimento de “contra-vontade”. (NOVAES, 2002, p. 1). Dito isto, compreende-se que, em sua obra, Agostinho discute o problema da vontade e a sua relação com o ato de pecar presente nos indivíduos, destacando a importância da libido para compreender como ocorre esse processo. O termo “libido”

² “A ideia genérica e só por isso aparentemente sólida, é esta:- Se não conhecemos alguma verdade como conheceríamos o verossímil? O Acadêmico contesta a posse de uma verdade por falta de um critério exato.” (ALMEIDA, 1957, p. 25).

³ “(...) e é que no momento da declaração de Agostinho de que o sábio poderá encontrar a verdade já não se trata da verdade transcendente mas de uma verdade geral e por assim dizer mediana para atingir aquela que ele próprio, Agostinho já encontrara pela fé” (ALMEIDA, 1957, p. 29).

costuma ser associado a um desejo desregrado que, por sua vez, contradiz a ordem natural da natureza humana.

No entanto, é importante compreender que Agostinho defende que a mente humana é mais forte e mais poderosa do que a libido, pois uma alma viciada não é capaz de dominar uma alma virtuosa. O filósofo discorre que o sumo Bem não age com injustiça e, por este motivo, ele não é capaz de submeter a mente dos seres racionais a libido, em sua concepção, toda potência que se encontra de forma igual ou até mesmo superior a mente, encontra-se dotada de virtude. Já as coisas inferiores não podem submeter-se a libido devido a sua própria inferioridade. Deste modo, cabe concluir que não existe nenhuma realidade que torne a mente dos seres racionais cúmplices da libido a não ser pela própria vontade livre.

O discurso em torno da vontade e da libido delineiam o modo como Agostinho considera o que seria uma vida feliz. Ele argumenta que os homens que possuem uma vida feliz, devem ser indivíduos bons por desejarem com retidão aquilo que os maus não desejam, reforçando a importância de compreender que a vontade é sempre uma faculdade boa, pois é unicamente o indivíduo que escolhe o seu próprio objeto de desejo.

Inicialmente, o hipnose apresenta o livre arbítrio como a capacidade do ser humano de escolher entre o bem e o mal. Na medida em que a obra avança, o filósofo explora a natureza da vontade humana e a sua relação com os desejos, concluindo que o livre-arbítrio é limitado pela natureza humana e que somente a graça de Deus pode capacitar os seres racionais a resistir às tentações do mal. Essa abordagem psicológica enfatiza a importância do autocontrole para a realização da felicidade, sendo a natureza humana fundamental para a formação moral. É importante ressaltar que o entendimento agostiniano sobre a vontade está profundamente enraizado em suas crenças teológicas na busca da salvação moral.

As argumentações em torno da vontade e da libido são importantes eixos teóricos para a investigação em torno da sabedoria, visto que em *O livre-arbítrio* a sabedoria é considerada como a verdadeira contemplação ao sumo Bem “(...) será a sabedoria outra coisa a não ser a verdade, na qual se contempla e se possui o sumo Bem, onde ao qual todos desejamos chegar, sem dúvida alguma” (*O livre-arbítrio*, II, 9, 26; 1995, p. 106-107).

Como os indivíduos desejam chegar à sabedoria sem possuir dúvida alguma, as questões sobre a sabedoria também se articulam de modo direto com a noção de erro, pois os indivíduos que desejam uma vida feliz, segundo o filósofo, não podem recair no erro. Segundo Agostinho o erro acontece quando o indivíduo abandona o caminho da beatitude, e quanto mais o ser racional erra, menos sábio ele se torna. Para o filósofo a sabedoria é alcançada por aqueles indivíduos que vivem de acordo com a justiça, tornando-se, deste modo, sábios. São também considerados sábios aqueles que vivem com prudência e não se desviam da vida com retidão, pois suas escolhas refletem tanto a sabedoria quanto a virtude.

4. Considerações finais

Este artigo se vale de uma metodologia de pesquisa que visa analisar e compreender os pensamentos de Agostinho. Através de diferentes abordagens e etapas, tais como: definição do problema, revisão bibliográfica, levantamento de fontes primárias e secundárias, contextualização, construção de argumentos.

A análise das obras *Contra os Acadêmicos* e *O livre-arbítrio*, apresenta uma conexão entre a sabedoria, verdade e a vontade humana, aspectos que se tornam centrais para a compreensão do pensamento agostiniano. Agostinho em seu debate com os céticos chega à conclusão que a sabedoria implica o conhecimento, o qual só se torna possível mediante a possibilidade de se encontrar a verdade. Para o hiponense, a sabedoria é, portanto, essencial em sua busca pelo conhecimento verdadeiro.

Ademais, a vontade desempenha um papel fundamental na orientação moral dos seres racionais, tornando-se responsável por orientar o indivíduo para o caminho da verdade e para o Bem supremo (Deus). As duas obras se conectam justamente no ponto de vista em que a busca pela verdade, tratada em *Contra os Acadêmicos*, se articula com a vontade humana discutida em *O livre-arbítrio*. Pois, segundo Agostinho, não basta o indivíduo conhecer apenas a verdade. É também preciso que a vontade humana esteja orientada em guiar-se para o bem e para essa mesma verdade.

Assim, os diálogos de juventude de Agostinho mostram-se fundamentais para a reflexão do conhecimento e das ações humanas, uma vez que ele construiu sua teoria moral a partir de uma compreensão específica de noção de sabedoria. Deste modo, é importante abordar temas como o ceticismo e o maniqueísmo para compreender como o filósofo distingue o conhecimento verdadeiro do falso em seus textos.

5. Agradecimentos

Ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

6. Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. Contra os Acadêmicos. Diálogo em três livros. Tradução e prefácio de Vieira de Almeida. Coimbra, Atlântida, 1957.

AGOSTINHO, Santo. Contra os Acadêmicos, A Ordem, A Grandeza da Alma e o Mestre. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2006.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Digitação: Lucia Maria Csernik. 2007

AGOSTINHO, Santo. O livre-arbítrio. Trad. Nair de Assis Oliveira, São Paulo: Paulus, 1995.

ALVES, Lion Granier. O critério de verdade no diálogo do contra acadêmicos de Agostinho: uma Hermenêutica das refutações de Agostinho ao ceticismo acadêmico. UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v.5, n. 3, p. 1-24, 2017.

CARDOSO, Tadeu Cesar Medeiros et al. A noção de felicidade em Santo Agostinho a partir do diálogo "contra os acadêmicos". 2019.

PALACIOS, Pelayo Moreno. O estamento da verdade no 'Contra Acadêmicos' de Agostinho. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Bento Silva. Cristinismo e neoplatonismo em Agostinho: A Propósito de uma Sentença do Contra Academicos (III, 19, 42): “Una verissimae Philosophiae Disciplina”. Brasiliade- Revista de Filosofia, v. 3, n. 5, p. 9-35, 2021.